

# El pasaje del discurso periodístico-informativo al científico-universitario: a propósito de una experiencia de trabajo de campo

**Alfredo Siedl**

*Cátedra Psicología Social II. Instituto de Investigaciones (Proyecto UBACyT 2011-2014, P 1037). Facultad de Psicología. UBA*

## **Resumen**

Entre sus actividades didácticas desde 2007, la cátedra Psicología Social II (Facultad de Psicología, Universidad de Buenos Aires) solicita a sus alumnos la realización de un trabajo de campo en pequeños grupos partiendo de temas de su interés agrupados en cuatro ejes: 1) transformaciones de la sexualidad y de la vida privada; 2) nuevos movimientos sociales; 3) salud y derechos sociales; 4) memoria colectiva. El resultado se resume en un producto escrito que contiene la perspectiva histórica del problema elegido, su justificación, su marco teórico y el método de abordaje tratado.

Esta propuesta de trabajo tiene el propósito de acercar a los alumnos al análisis de situaciones similares a la actividad profesional en el área sociocomunitaria e institucional y que también encuentran en su vida cotidiana, aunque sin problematizarlas. En esta tarea se ponen en cuestión los tópicos o representaciones usuales y precientíficas para dar lugar al descubrimiento de relaciones impensadas entre fenómenos, y a su articulación con un marco teórico.

Una de las dificultades del inicio de la carrera de psicología es el predominio de la lectura de textos-fotocopias y, como consecuencia, el aislamiento de esos textos y su disociación respecto de contextos reales. La disociación se manifiesta en la adquisición por parte de los alumnos de un vocabulario técnico adecuado que se utiliza, por ejemplo, al contestar preguntas de examen escrito, mientras se mantienen incólumes lenguajes y procedimientos preuniversitarios para el análisis de situaciones psicosociales. Estos insumos de “sentido común” son recogidos como “paquetes discursivos” ofertados por los medios y por internet. Se ha detectado que para la recolección de datos y el primer acercamiento a un “marco teórico” los alumnos usan internet concebida como un “archivo”, es decir como un topos legitimado y de acceso inmediato. La propuesta de la cátedra busca que los alumnos puedan modificar y ampliar sus fuentes, estableciendo un “criterio de selección” válido, es decir, un análisis crítico de sus fuentes.

En este trabajo se analiza cómo las producciones escritas iniciales de los alumnos (se les piden tres productos secuenciales elaborados colectivamente: una planificación inicial de la actividad, el informe

de avance y el informe final) utilizan representaciones sociales generales de tipo “periodístico-informativo” en su acercamiento a su objeto de análisis y cuál es el proceso de análisis crítico de esta modalidad que se realiza con ellos para introducirlos en una comunidad disciplinar específica, la “científico-universitaria”, con su peculiar discurso, su universo de archivos y sus propias prácticas.

El cambio de una didáctica centrada en la lectura de textos por otra que los incluye productivamente en un trabajo de campo tiene su expresión en la actividad de conformación de textos que van produciendo los alumnos. El proceso didáctico propone que el docente de la cátedra acompañe estas búsquedas iniciales orientando y estimulando a los alumnos para incorporar prácticas discursivas y de investigación disciplinares.

**Palabras clave:** prácticas discursivas, elaboración de informes, investigación, trabajo de campo, psicología social.

## The transition from a journalistic-informative discourse to a scientific-university discourse during a fieldwork experience

### Abstract

Among its teaching activities, the Social Psychology II course (College of Psychology, University of Buenos Aires) asks its students to divide into small groups and complete field research on topics grouped around four subject areas: 1) Transformations in sexuality and private life; 2) New Social Movements; 3) Health and social rights; 4) collective memory. The results can be summarized as written products that contain an historical perspective on the chosen problem, along with its rationale, its theoretical framework, and a method of approach.

This assignment strives to bring students closer to an analysis of situations similar to professional activity in socio-communal and institutional areas —and which can also be found in everyday life— without problematizing them. During this assignment, common and pre-scientific topics or representations are questioned, in order to allow for the discovery of unexpected relationships between phenomena, as well as their articulation with a theoretical framework.

One of the difficulties in beginning an education in psychology is the predominance of photocopied texts and, consequently, the isolation of these texts and their disassociation from real contexts. This disassociation is manifested in the acquisition, by students, of an adequate technical language – which they use, for example, to answer questions in written exams – while pre-collegiate languages and procedures remain untouched in the analysis of pre-psychological situations. These inputs of “common sense” are instead picked up as “discursive packages” offered by the media and the Internet. Students have been detected using the Internet as an “Archive,” that is to say, as a legitimate and easily accessible topos or place, in order to collect data and make an initial approach towards a “theoretical framework.” The course’s proposal seeks for students to modify and expand their sources, establishing a valid “selection criteria,” that is to say, a critical analysis of their sources.

In this paper, we analyze how students’ initial writings (three collective and sequential products are asked of them: an initial plan of the activity, a progress report, and a final report) use general social representations of the “informative news” sort in their approach of the analyzed object and what process of critical analysis is employed by this method, which means to introduce students to a specific disciplinary community, the “scientific-university” community, with its peculiar discourse, its universe of archives, and its own practices.

The change from a didactics centered on the reading of texts to another which includes these texts productively in fieldwork, has its expression in the creation of texts produced by students. This didactic process proposes that the course professor accompanies these initial investigations, orienting and stimulating the students to incorporate discursive and investigative practices.

**Keywords:** discursive practices, reporting, research, field work, social psychology.

## **A passagem do discurso jornalístico-informativo ao científico-universitário a propósito de uma experiência de trabalho de campo**

### **Resumo**

Entre as suas atividades didáticas, desde 2007, a disciplina de Psicologia Social II (Faculdade de Psicologia U.B.A) solicita a seus alunos a realização de um trabalho de campo de pequenos grupos a partir de temas de seu interesse agrupados em três eixos: 1) Transformações da sexualidade e da vida privada 2) Novos Movimentos Sociais 3) Saúde e direitos sociais. O resultado se resume em um produto escrito que contém a perspectiva histórica do problema escolhido, sua justificação, seu marco teórico e o método de abordagem escolhido.

Essa proposta de trabalho tem o propósito de aproximar os alunos à análise de situações similares à atividade profissional na área sócio-comunitária e institucional, as que também encontram na vida cotidiana, mas sem problematizá-las. Nessa tarefa, põem-se em questão os tópicos ou representações habituais e pré-científicas para dar lugar ao descobrimento de relações impensadas entre fenômenos, e a sua articulação dentro de um marco teórico.

Uma das dificuldades do início da carreira de psicologia é o predomínio da leitura de textos e, como consequência, o isolamento desses textos e a sua dissociação a respeito de contextos reais. A dissociação manifesta-se na aquisição, por parte dos alunos, de um vocabulário técnico adequado, utilizado, por exemplo, para responder perguntas de exame escrito; enquanto se mantém incólumes linguagens e procedimentos pré-universitários para a análise de situações psicossociais. Esses insumos de “senso comum” são recolhidos como “pacotes discursivos” oferecidos pela mídia e por Internet. Foi detectado que para a colheita de dados e na primeira aproximação a um “marco teórico”, os alunos utilizam Internet concebida como “Arquivo”, ou seja, como um *topos* legitimado e de acesso imediato. A proposta da disciplina pretende que os alunos possam modificar e ampliar suas fontes, estabelecendo um “critério de seleção” válido, ou seja, uma análise crítica de suas fontes.

Neste trabalho, analisa-se como as produções escritas iniciais dos alunos (são pedidos três trabalhos sequenciais elaborados em forma coletiva: uma planificação inicial da atividade, o informe de avance e o informe final) utilizam representações sociais gerais de tipo “jornalístico-informativo” em sua aproximação a seu objeto de análise. Também se considera o processo de análise crítico dessa modalidade realizada para introduzir eles em uma comunidade disciplinar específica: a “científico-universitária”, com seu peculiar discurso, seu universo de arquivos e suas próprias práticas.

A mudança de uma didática centrada na leitura de textos por outra que os inclui produtivamente em um trabalho de campo tem sua expressão nas atividades de formação de textos que são produzidos pelos alunos. O processo didático propõe que o docente da disciplina acompanhe desde o início os alunos, orientando e estimulando-os a incorporar práticas discursivas e de investigação disciplinares.

**Palavras chave:** práticas discursivas, elaboração de informes, pesquisa, trabalho de campo, psicologia social.

**Recibido:** 29 de marzo de 2012

**Aceptado:** 10 de mayo de 2012

## Introducción

La cátedra Psicología Social II (Robertazzi) de la Facultad de Psicología de la Universidad de Buenos Aires (UBA) les propone a sus alumnos de segundo año la escritura de un parcial domiciliario como resultado final de un trabajo de campo. Ese trabajo (que los lleva a pensar problemas concretos de psicología social y a realizar sencillas prácticas de investigación) tiene sus particularidades que se van resolviendo para ellos con el aprendizaje de técnicas y metodologías específicas. Con el paso de los años, lo que llama la atención docente en mayor medida es la dificultad de los alumnos para volcar los resultados de la experiencia en un texto escrito.

La cátedra no pretende la elaboración una monografía *sensu strictu* ni una tesis, pero sí un trabajo que pueda ser escrito y leído en el segundo año de la UBA. Las exigencias y el nivel de comprensión corresponden a ese período. De todos modos, se les ofrece a los alumnos una bibliografía para quienes soliciten apoyo tanto para sus primeros textos como para la producción de una tesis, requisito final previo a la graduación.

La comprensión y elaboración de textos es un proceso gradual y a la vez ineludible de la formación universitaria. No es una cuestión de “talento” —aunque ayude— sino de conocer herramientas, recursos, que muchas veces son similares a los usados para estudiar. Por ejemplo: redacción de fichas por autores o temas, resúmenes de textos, conocimiento de fuentes, de lugares virtuales o reales en donde acopiar información, y elaboración de un “criterio” que permita afinar las búsquedas.

En este trabajo se analiza cómo las producciones escritas iniciales de los alumnos (se les piden tres productos secuenciales elaborados colectivamente: una planificación inicial de la actividad, el informe de avance y el informe final) utilizan representaciones sociales generales de tipo “periodístico-informativo” en su acercamiento a su objeto de análisis y se verá cuál es el proceso de análisis crítico de esta modalidad que se realiza con ellos para introducirlos en una comunidad disciplinar específica —la “científico-universitaria”— con su peculiar discurso, su universo de archivos y sus propias prácticas.

## Propuesta a los alumnos

La cátedra Psicología Social II (Facultad de Psicología, U.B.A.) desde 2007 ha propuesto a sus alumnos la realización de un trabajo de campo en pequeños grupos y de un informe final partiendo de temas de su interés agrupados en cua-

tro ejes propuestos y articulados en su programa: 1) transformaciones de la vida privada; 2) nuevos movimientos sociales; 3) derechos sociales a la alimentación, trabajo, salud, educación, vivienda, 4) memoria colectiva.

El resultado de la actividad se objetiva en un producto escrito que contiene la formulación del problema elegido, su perspectiva histórica, su justificación, es decir su relevancia social, los objetivos y las preguntas de la investigación, su marco teórico y el método de abordaje elegido, y las conclusiones. Las referencias bibliográficas y demás pautas formales se realizan según normas APA. Junto con esta producción se invita a los alumnos a pensar en su implicancia en la temática, las dificultades, los avances y los descubrimientos, y las estrategias de “devolución” (durante el proceso y del resultado final) con las personas o grupos que les ofrecieron su espacio.

Esta propuesta de trabajo tiene el propósito de acercar a los alumnos al análisis de situaciones similares a la actividad profesional en el área socio-comunitaria e institucional, y que también encuentran en su vida cotidiana, aunque sin problematizarlas. En el proceso intelectual que van construyendo junto con el objeto analizado se ponen en cuestión los tópicos o representaciones usuales y precientíficas para dar lugar al descubrimiento de relaciones impensadas entre fenómenos, y a la articulación entre éstos y un marco teórico (que los alumnos elaboran y pueden construir con el docente).

Una de las dificultades del inicio de la carrera de psicología es el predominio de la lectura de textos-fotocopias y, como consecuencia, el aislamiento de esos textos y su disociación respecto de contextos reales. La disociación se manifiesta en la adquisición, por parte de los alumnos, de un vocabulario técnico adecuado que se utiliza, por ejemplo, al contestar preguntas de examen escrito, mientras se mantienen incólumes lenguajes y procedimientos preuniversitarios para el análisis de situaciones psicosociales.

Esta experiencia se propone la transferencia de los contenidos teóricos a prácticas de investigación, adecuadas al comienzo de la formación académica. Estos insumos de “sentido común” se recogen como “paquetes discursivos” ofertados por los medios y por internet. Esto se hace visible en las producciones escritas iniciales de los alumnos que comienzan utilizando representaciones sociales generales de tipo “periodístico-informativo” en su acercamiento a su objeto de análisis. Dichas dificultades se trabajan en el recorrido del docente por los grupos pequeños en el aula, pero también se aprecian en tres productos secuenciales que

los grupos de alumnos elaboran colectivamente durante el cuatrimestre: una planificación inicial de la actividad, el informe de avance y el informe final.

Se ha detectado en los informes iniciales que para la recolección de datos y el primer acercamiento a un “marco teórico” relacionado con el problema de su interés, los alumnos usan internet concebida como “archivo”, es decir como un topos legitimado y de acceso inmediato. La propuesta de la cátedra busca que los alumnos vayan modificando en sus textos un relato de los problemas psicosociales moldeado por el sentido común en favor de un análisis basado en modelos y metodología científica como forma de introducirlos en una comunidad disciplinar específica —la “científico-universitaria”— con su peculiar discurso, su universo de archivos y sus propias prácticas. Es decir que puedan también modificar y ampliar sus fuentes, estableciendo un “criterio de selección” válido: un análisis crítico de sus fuentes.

El cambio de una didáctica centrada en la lectura de textos por otra que los incluye productivamente en un trabajo de campo tiene su expresión en la actividad de conformación de textos que van produciendo los alumnos. El proceso didáctico propone que el docente de la cátedra acompañe estas búsquedas iniciales orientando y estimulando a los alumnos para incorporar prácticas discursivas y de investigación disciplinares.

### **El pasaje del discurso periodístico-informativo al científico-universitario**

Se observa en las producciones de los alumnos que suelen aparecer dificultades de “criterio” a la hora de clasificar cuál información es relevante y en qué lugares buscarla. Una dificultad de lectura y concepto que se aprecia en algunos informes es que suelen incluir indicadores de tipo informativo muy amplios. Así como para entrar en materia es preciso definir términos teóricos, no es necesario ni conveniente en un informe técnico definir conceptos compartidos de “sentido común”.

Se ha encontrado, por ejemplo, en un análisis de alumnos sobre una clínica de internación de adictos, un informe sobre qué es la marihuana o la cocaína; o bien, en un informe sobre la “cultura de la delgadez” se insertaban numerosas páginas institucionales del grupo ALCO. Esto ilustra con claridad la dificultad de discernir con qué tipo de texto o discurso se enfrentan los alumnos de los primeros años de la carrera de psicología que indagan en internet. En esta ocasión, quienes buscaron información conceptual encontraron una página de publicidad o de difusión de

un grupo específico que hubiera tenido un valor documental si la intención era analizar dicha institución, pero no en ese caso, pues lo que intentaban era definir su concepto de “cultura de la delgadez”.

Se observaron errores cognitivos o de apreciación. Ha sido clara la dificultad morfológica y la semántica, vale decir, no poder distinguir de qué tipo de texto se trataba. Se puede comprender que en una situación de apuro el pensamiento rápido guía cualquier búsqueda, es decir que quien buscó y pegó el texto se dejó llevar por un término de “sentido común” (“delgadez”), del cual infirió su opuesto, obesidad, sin prestarle atención al contexto de la enunciación, es decir al orden del discurso. Esto puede ocurrir cuando se coloca un término (y en especial cuando es un término vago) en un buscador y se recorta algún resultado de la búsqueda. Por ello se ha hecho necesario el entrenamiento con los alumnos en la percepción de tipos y géneros textuales.

La estrategia de copiar y pegar, adecuada para no escribir, y que suele poseer la ventaja adicional de que los textos a menudo presentan cierta coherencia u orden interno, suele derrumbarse al salir de ellos, es decir, cuando se salta del párrafo pegado a cualquier otro, por ejemplo a otro texto pegado y de otro autor. Estas situaciones son visibles en las primeras producciones de muchos alumnos, en la impersonalidad de la escritura, su brusquedad, la falta de frescura. En este sentido, ha sido útil para los alumnos el énfasis y la discusión acerca del término “plagio”.

Por las dificultades reseñadas ante la tarea de la confección de informes, el primer planteo docente se orienta hacia el proceso de la escritura misma y al análisis de las fuentes escritas de las que los alumnos se apropian. Si bien en una primera etapa se hace hincapié en recursos propios de la escritura y las técnicas de estudio como redacción de fichas por autores o temas, resúmenes de textos, uso de la paráfrasis, el énfasis principal de esta experiencia de escritura está puesto en el conocimiento y el análisis de fuentes virtuales o reales en donde acopiar información y en la elaboración de un “criterio” que permita afinar las búsquedas.

En una etapa inicial del proceso de elaboración del trabajo se tomaron dos cuestiones para analizar y debatir con los alumnos: el problema de internet como archivo y el de la indagación de las fuentes. Se utiliza aquí la acepción amplia de archivo como la de un conjunto organizado y catalogado de documentos. Se ha visto con los alumnos cómo la morfología de los documentos electrónicos, que es plana, coloca al mismo nivel tanto la información útil como la irrelevante. Cuando se

deja al buscador de internet definir la escala de importancia de un tema se está utilizando el criterio de “popularidad”. Así se llega a lo que se llama el “lugar común”.

El riesgo de la desorientación —se notó con los alumnos— es pasar por los lugares comunes, repetir los tópicos sociales, las informaciones disponibles, sin revisar ni aportar nada, es decir, sin una verdadera apropiación de contenidos o aprendizaje sino más bien un “como si”. Por ejemplo si se dice que “vivimos en una cultura de la delgadez y por lo tanto quienes estén excedidos de peso son discriminados”, se volverá al punto de partida; no habrá un acopio de información nueva.

Respecto de la cuestión de los problemas de información que se presentan al considerar a internet como un archivo, se les ofrecen a los alumnos dos ejemplos muy gruesos para apreciarlos; con la intención de pensar luego de ellos que en temas menos obvios el riesgo de la información parcial, irrelevante o falaz es mayor.

Si se busca en internet, por ejemplo el término “proceso militar” se encontrará en la primera página del buscador (Google, en marzo 2009) que en la primera página, bien visible, aparece el término y, si uno entra en dicho sitio, se leerá que el golpe de estado 76/83 en Argentina se produjo para “acabar con el fenómeno subversivo; desterrar la corrupción de los ámbitos gubernamentales, redondeando la economía de acuerdo con los dictados del mundo moderno”. Y si se busca a los autores, suponiéndolos partidarios del régimen, se podrá descubrir que se trata de alumnos de una escuela secundaria de Mendoza, la 4-065, José Argumedo, de Guaymallén, (<http://www.oni.escuelas.edu.ar>), que escribieron en la sección de “libros digitales”.

Desde ya es interesante que este texto de desinformación histórica, que toma seguramente un texto de propaganda de aquel gobierno como si se tratara de verdad objetiva, haya sido escrito probablemente por alumnos secundarios, pero más llamativo, más analizable es que haya sido reproducido por las autoridades del colegio. Claro que esto requiere del lector algo de distancia crítica y al menos de una pequeña dosis de semiología.

Podría imaginarse que un lector objete a quien hizo la búsqueda: “—Pero la culpa es suya; ¿por qué no escribió dictadura militar?”. Pero se le podría responder que el autor de la búsqueda tampoco escribió “subversión apátrida”, lo que probablemente hubiera enviado hacia páginas de defensores del gobierno militar. Más bien se utilizó un término de baja densidad semántica. El ejemplo ilustra dos problemas típicos de internet: la baja calidad de la autoridad textual (el autor) y la falacia presente en el contenido.

El último ejemplo se aprecia si uno teclea el término “holocausto”, pues encontrará arriba a la derecha de la página de resultados del buscador, un “enlace patrocinado”, el único de esas características, que dice (refiriéndose al obispo Williamson):

...sus puntos de vista sobre el Holocausto son cuidadosamente estudiados [...] Por caso, las dudas en torno a la existencia de cámaras de gas las planteó por primera vez el historiador inglés David Irving. [...] Durante la entrevista se limita a explicar las razones técnicas por las cuales un experto norteamericano en cámaras de gas concluyó que muy improbablemente hayan funcionado en Auschwitz cámaras de gas (Guevara, 2009).

No se analizó tanto el contenido del texto, un caso de negación similar al anterior, pero efectuado por un religioso ideológica y públicamente definido, sino que se observaron más bien las marcas colaterales, marginales, que rodean al artículo titulado “El dogma del holocausto”: está colocado en solitario, arriba a la derecha, patrocinado por *Clarín* y ubicado en Google. Es decir, que en los lugares aparentemente más *neutrales* se encuentra información de un sesgo determinado.

La intención de este recorrido con los alumnos es resaltar que no se puede considerar que la masividad o el prestigio de estas marcas sea garantía suficiente, porque no tienen valor de archivo. Asimismo, se ha considerado en estas consultas su carácter de textos efímeros, vale decir su dimensión temporal. Esta es una de las categorías que se han pensado para establecer una jerarquía de textos.

Estos textos pueden ser estudiados, pero no como documentos que den cuenta de una verdad de contenido, sino como prácticas sociales, es decir, las de una escritura rápida, con el riesgo de una legitimación igualmente rápida por su aparición en la pantalla. La práctica de la lectura electrónica tiene una materialidad: la de un soporte de texto (la pantalla), y asimismo la de un lector, a menudo capturado por ella, a diferencia de la ubicuidad del libro. Con respecto del libro, la inmediatez y variedad de la oferta electrónica es insuperable. Pero, por lo mismo, y como hemos visto, es de gran utilidad que los alumnos puedan percibir los materiales electrónicos más o menos tal como los textos impresos: que distingan un folleto, un diario, una revista o un libro, *mutatis mutandis*, en el mundo internauta. Es decir, se trabaja con los alumnos para que cuando naveguen puedan sopesar, percibir, organizar su jerarquía textual.

Los libros tienen peso, vienen cerrados por tapas que contienen información, al igual que las introducciones, índices, prólogos, epílogos, notas; tienen una mor-

fología y una organización, en fin, un orden discursivo. Ese orden puede perderse si se entra al mundo de la textualidad electrónica sin un criterio que organice y clasifique la búsqueda.

Así como un lector avezado de libros impresos sabe cuáles son las buenas editoriales y ediciones (y claro, sus autores preferidos y sus fuentes de información para encontrar nuevas lecturas), un lector electrónico encuentra las propias. Por ello a los alumnos de la asignatura se les ofrece información sobre buenos catálogos y fuentes de información, bibliotecas electrónicas de calidad y también las editoriales que ofrecen su aparato crítico y parte de su colección por este medio. Fundamentalmente, el conocimiento de las universidades, academias y escuelas de posgrado acreditadas es de importancia porque ofrecen muchísimo material de lectura y análisis.

En cuanto a ubicar los textos en un orden, se trabaja precisando de qué tipo de texto se trata: si es un texto de divulgación, informativo —por ejemplo un artículo de psicología en la habitual sección de *Página 12*—; si en cambio forma parte de un blog, es decir, es más libre y menos autorizado (otra vez: se discriminan cuáles son los buenos blogs, fuente de datos y frecuentemente de adquisición de un discurso y de una comunidad con la cual uno va identificándose); si su propósito es proselitista (un texto a favor de la donación de órganos, por usar un ejemplo casi universal); si es una ponencia dirigida a un público especializado.

Las instituciones universitarias ofrecen, en grado y posgrado, numerosas fuentes que acercan la producción intelectual hasta la más reciente. Congresos, jornadas, simposios, seminarios y obviamente, publicaciones de todo tipo son material indispensable de la práctica de los alumnos universitarios. Se ha visto que los alumnos acceden asiduamente a Google, *Clarín*, e incluso Wikipedia en sus búsquedas universitarias. Por supuesto, se les aclara que es recomendable informarse en general y nadie está en contra de leer lo que fuere, pero que la universidad tiene sus propias prácticas discursivas y de pensamiento, sus usos del lenguaje y forma una comunidad lectora singular.

Se ha visto que los alumnos recién ingresados a la vida universitaria generalmente no poseen un saber hacer académico o epistémico consistente en las redes electrónicas que más suelen usar. Esta paradoja lleva a preguntarse acerca del uso de las computadoras, incluso de las portátiles en el aula, y de la capacidad docente en el manejo de nuevas tecnologías. Indudablemente ellas existen, hicieron su aparición en el intercambio docente-alumno; la cuestión es ver el modo en que se

realiza dicho intercambio. Si los docentes no poseen una buena formación en el mundo de la cultura impresa y a su vez no tienen suficiente competencia en el de las llamadas “tics” (tecnologías de la información y la comunicación), el resultado pedagógico será, justamente, la recolección de “información” superficial, acrítica. La suposición en la que se basan estas líneas es que una destreza lectora tradicional, literaria, es necesaria per se y para comprender el mundo electrónico, infinitamente más paratextual y necesariamente más interpretable.

En cuanto a los alumnos, muchos suelen tener una desconfianza en sus propias capacidades de escritura. Una experiencia es ilustrativa de esta situación. En los talleres de apoyo al último año del nivel medio/polimodal para la articulación con el nivel superior (2004 y siguientes) se diseñaron “prácticas de lectura y escritura” a las que asistieron voluntariamente alumnos los días sábados a distintas sedes del Ciclo Básico Común de la UBA. Lo más sorprendente de ese proceso de seis tardes sabatinas fue la alegría de muchos alumnos que descubrieron finalmente que podían producir narraciones completas de ficción o explicativas cuando antes se suponían incapaces de ello. Habían recuperado, por unos instantes, en un lugar liminar, que no era ni la escuela secundaria ni la universidad, unos días sábados, su capacidad de agencia. Esto no supone que no se realicen “prácticas” en la escuela secundaria, sino que las que se realizan son de una naturaleza sui generis en cuanto nivel y en tanto este nivel tiene una diversidad de ofertas y calidades única en todo el sistema educativo.

Asimismo, la universidad tiene sus propias prácticas que no son necesariamente consistentes con las anteriores. Esto suele ser vivido por los alumnos como un salto. El presente trabajo trata de ver con qué estrategias y dificultades abordan los estudiantes iniciales de psicología las exigencias del grado, especialmente en lo que hace a la escritura académica. En este sentido, el recorrido educativo previo es un insumo que facilita o dificulta la producción universitaria.

## **Conclusiones**

Es posible pensar que cuando los estudiantes de psicología se enfrentan con una exigencia nueva, como el parcial domiciliario, recurren a menudo a experiencias previas que les parezcan cercanas a lo pedido, es decir, a la experiencia de trabajos grupales escritos solicitados por docentes de escuela secundaria. Esta es una conjetura que permite pensar cuál es la lógica supuesta que rige los errores en las presentaciones iniciales de muchos informes de avance y en algunos trabajos de campo.

Aparentemente hay en estos casos un esfuerzo de los alumnos por demostrar que “se trabaja” acerca de algún tema de interés. Quizás el modelo que rija estos desarrollos sea de tipo informativo o de divulgación. Puede pensarse que la escena didáctica sobre la que se basan incluye a un docente que indica algún tema y a un grupo de alumnos que trae contenidos de diversas fuentes (bibliotecas, internet, etc.), demostrando que pueden buscar fuera de la escuela. Si esto es así, la idea acerca de la investigación que se recibe en la escuela media se acerca a la de la reproducción, es decir a un modelo de tipo pseudo “periodístico” basado en conceptos o ideas y públicos amplios. Y si es así, la metodología de la investigación y la de estudio (adecuadas a cada etapa) han perdido espacio en la escuela secundaria en general. Obviamente no es una certeza sino una inquietud (basada en conocer alumnos durante distintas épocas y en apreciar los cambios).

El propósito de esta experiencia es pensar en otra relación posible entre docentes y alumnos, menos repetitiva o burocrática y colaborar con los alumnos en la introducción en una comunidad discursiva disciplinar específica, con su peculiar discurso, su universo de archivos y sus propias prácticas.

## Referencias

- Alvarado, M. (1994). *Paratexto*. Buenos Aires: Oficina de Publicaciones del CBC.
- Arnoux, E. (2002). *La lectura y la escritura en la universidad*. Buenos Aires: EUDEBA.
- Carlino, P (2009). *Escribir, leer y aprender en la universidad*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- Guevara, C. (2009, 23 feb.). Williamson: el dogma del holocausto y la mordaza. En: *La revolución en su laberinto*. Obtenido el 1º marzo de 2009 desde <http://blogs.clarin.com/cuba/2009/2/23/williamson-dogma-del-holocausto-y-mordaza>
- Moradiellos, E (2008). Introducción a las técnicas de trabajo universitario. En: *El oficio de historiador*. Madrid: Siglo XXI.
- Torres, C, Fedorczyk, A. y Viera, A. (2007). Una aproximación a las prácticas de escritura en grupo en estudiantes universitarios de psicología. En: Tercer Encuentro de investigadores del Mercosur (14º: 2007: Buenos Aires). *Memorias de las XIV Jornadas de Investigación*: 9-11 de agosto de 2007. Buenos Aires: Facultad de Psicología, UBA.

## Correspondencia

**Alfredo Siedl**

siedl.alfredo@gmail.com